



Da melancolia em Camilo

Melancholy in Camilo

No que eu trazia há muito empenhadas as minhas vigílias era no descobrimento dum antídoto
contra a melancolia
(Castelo Branco, 2019, p. 151).

Cláudio Alexandre S. Carvalho¹

Universidade Católica Portuguesa (UCP), Braga / Portugal

kraftcasc@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8981-6481>

Resumo: Procedendo da leitura de *Coração, cabeça e estômago*, propomos abordar o modo como Camilo Castelo Branco integra perspetivas médicas, filosóficas e literárias sobre a melancolia. Veremos como tal condição, que remete ao âmago da autoafeção humana, surge em diversos de seus textos não apenas como observação fisiológica da melancolia, assim reduzida à sua dimensão pática, mas como suporte de um posicionamento satírico e crítico que antecipa temas literários da segunda metade do século XIX. A observação melancólica de Camilo está dependente de um realismo frugal na expressão que só é possível num posicionamento de limiar capaz de ler os limites da comédia humana – a vulnerabilidade, o sofrimento e a morte – à luz das assimetrias e clivagens que marcam o seu tempo. O desgosto amoroso, indissociável do tentacular calculismo das alianças tem como contraponto uma esquemática

¹ Professor Auxiliar Convidado na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa, em Braga, e Investigador no Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH).

resignação e comodismo, cuja consistência revela o seu embasamento na vivência traumática de Camilo. Atendendo ao temperamento do romancista, indiciado em vários textos de cariz biográfico e em relatos de contemporâneos, salientamos ainda o modo como a sua adoção de um olhar melancólico se concretiza numa poética do afeto.

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco; Melancolia; Sátira; Reflexividade; Empatia.

Abstract: By reading *Coração, cabeça e estômago* [Heart, head and stomach], we propose to look at how Camilo Castelo Branco adopts medical, philosophical and literary approaches to melancholy. We will see how this condition, which goes back to the core of human self-affection, appears in various texts by Camilo, not just as a physiological observation of melancholy, thereby reduced to its pathic dimension, but as the support of a satirical and critical position, anticipating literary themes from the second half of the 19th century. Camilo's melancholic observation is dependent on a frugal realism in expression that is only possible in a threshold position capable of reading the limits of the human comedy – vulnerability, suffering and death – in the light of the asymmetries and divides that mark his time. The heartbreak that is so often inseparable from the tentacular calculus of the alliances is counterpointed by a schematic resignation and self-indulgence, the consistency of which reveals its basis in Camilo's traumatic experience. Bearing in mind the novelist's temperament, as indicated in various biographical texts and in the accounts of contemporaries, the way in which his adoption of a melancholic outlook becomes concrete in a poetics of affect is highlighted.

Keywords: Camilo Castelo Branco; Melancholy; Satire; Reflexivity; Empathy.

As referências a disposições e afetos melancólicos pontuam toda a obra camiliana, quase sempre adstritas à aceção genérica do termo e envoltas em profusa e variável adjetivação. À maneira da estética literária romântica estendem-se a personificações e atribuições de configurações

decaídas². Nalguns casos uma significação mais densa é conferida pelo contexto da ação novelesca, seja no desgosto, ou pelo modo mais preciso como, atravessado o seu itinerário, se torna verossímil dizer que a melancolia sobrevém como “esta cousa indefinível que faz chorar o coração...” (Castelo Branco, 1905, p. 236).

Desde a antiguidade médico-filosófica, o coração [*καρδία*] destaca-se como a sede corpórea de unificação da autoafeção (Pigeaud), numa gama de sentimento de si, com múltiplos graus balizados pela autodejeção e pelo orgulho. Tais extremos, que, na tripartição platônica da alma, surgem associados ao *θυμός*, a alma irascível, concretizam mediações sempre singulares entre o ventre e o *Hegemonikon*³. E ainda que na modernidade sobrevenha uma tendência a psicologizar tais modos de sentir que caracterizam a afetividade e a imaginação do melancólico (Pigeaud, 2008, p. 65 e ss.), a verdade é que, desde esse seu berço grego, a melancolia designa modos fundamentais de relação ao mundo e aos outros, que cedo delinearam manifestações opostas, entre choro e de riso, mas também disposições existenciais diversas como o *taedium vitae* e o entusiasmo.

Seguindo a tradição – que foi glosando o aforismo hipocrático onde se fixam como sintomas cardinais da melancolia o medo e a tristeza prolongados sem causa aparente (*Aph. VI, 23*) –, Camilo enfatiza a descontinuidade dos sintomas melancólicos com a “normal” reação ao campo vivencial, apontando a sua causa incerta. Contudo, exige-lhe a lógica do romance levantar o véu de tais mistérios. Tal como ocorrerá na ainda distante psicanálise, laborar em seu desvelamento, por vezes indo para lá das causas mais imediatas, implica submeter o desejo a duras provações. Essa mesma opacidade aguça o engenho literário de Camilo, pois a “doença convoca, como um problema, a dor do corpo e a suspeita de que esta dor significa mais do que ela própria, que tem algo a dizer, acerca do ser humano e de seu saber” (Pigeaud, 2015, p. 4).

² Veja-se em *O que fazem mulheres, romance philosophico*, o recurso a um compadecimento da literatura pelas paixões melancólicas: “Não ha n’aquele aspetto triste alguma cousa que vos faz crer que o in-folio chora pelo frade?” (Castelo Branco, 1863, p. 14). Seguindo o percurso traçado por Starobinski (2012), poderíamos dizer que no ocaso do romantismo a tinta da melancolia parece emancipar-se da vivência humana, assumindo o escritor o desígnio de acolher e expressar afetos que brotam do espírito das coisas.

³ Sobre estes conceitos platônicos, que remetem às sedes das diferentes partes da alma, e sua leitura e transposição para a semântica médica na obra de Galeno, ver: Carvalho, 2016.

Em *Coração, cabeça e estômago* (1862), através da pena de Silvestre da Silva, a melancolia é elevada a tema, sendo exposta com uma precisão que torna possível mapear a sua géneze nos discursos médico, filosófico e literário, três eixos que procurarei brevemente delinear no que se segue.

1.

No que se refere ao primeiro eixo, o iátrico, é num punhado de páginas que Camilo revela um conhecimento profundo de diagnóstico e alívio dos males da melancolia corpórea⁴, mas também do modo como a mesma, para lá da sua constrição a um saber do corpo, se constitui como recetáculo de vários tipos de descontentamentos que cumpre ao génio refinar e elevar ao mundo comum dos homens através da escrita. É como esse amplo recetáculo que a melancolia vem a fornecer um ponto privilegiado de observação das contradições da sociedade burguesa. Essa receita é adotada por intermédio da caracterização que Silvestre da Silva faz do que designa como o “MUNDO PATARATA” portuense em dois textos. No primeiro, contido no vigésimo oitavo caderno dos seus manuscritos, Silvestre ensaia a “fisiologia” do Porto, notando que a “ostentação vã” em que consiste a pataratice é “a arte amestrada pelo aguilhão do luxo”, convertendo os sujeitos em figuras dormentes, animadas por paixões tépidas da “sociedade média”. Trata-se de uma sociedade em que todas as relações são concebidas segundo um modelo de capitalização dos costumes: “Regalias materiais, fausto, cortesania, gentileza, puritanismo de raça, bizarria, donaire, feitiço de gestos e maneiras, é um pasmar o que por aí vai disso!” (Castelo Branco, 2019, p. 147).

O outro texto surge publicado sob a forma de artigo, dedicado “às pessoas melancólicas” (Castelo Branco, 2019, p. 149-154), nele afirmando Silvestre ter reservado suas vigílias ao “descobrimento dum antídoto contra a melancolia” (p. 151). Ora, como nos diz o narrador inicial de *Coração, cabeça e estômago*, tal escrita de Silvestre tinha um alcance cáustico, cujo condão seria o de encerrar jornais “depois de ter matado muitas ilusões” (p. 4). Aí Silvestre desenvolve o tópico da *english*

⁴ Tantas vezes ainda na grafia coincidente com a que nos foi legada na transliteração latina (ou romanização) do termo grego *melancholia*, tendo essa preservação oscilado ainda nas publicações em vida.

malady, destacando a ociosidade e o consumo como bestas negras das classes afluentes, sendo que os mesmos não são exclusivos dos britânicos.

[...] afora a melancolia do amor, há uma outra sem causa, sem preexistência dolorosa, sem antecedentes que possam indicar ao médico da alma os meios terapêuticos.

Sentemna aqueles mesmos que a fortuna acaricia com todos os mimos deste mundo.

É a que mata os ricaços da Grã-Bretanha, e a que tortura os ricos ociosos de todas as nações, onde há sol e lua, onde o céu é azul e a atmosfera diáfana.

Não é costume nosso matarmonos quando o aborrecimento da vida nos enoja.

Em país algum seria maior a estatística dos suicídios, do que em Portugal, se o tédio nos vencesse.

E no Porto?

Deus nos livre disso!

O facto de esses escritos constarem na passagem do segundo volume autobiográfico, que dedica à cabeça, ao último e mais volumoso, referente ao estômago, essa “sepultura indigna de santas quimeras” (Castelo Branco, 2019, p. 3), está longe de ser casual. É esse o órgão cujo distúrbio, ou seja, a perturbação da função digestiva, que Camilo, seguindo a terminologia médica, designa de “chilificação”, vem associado àquelas que se constituíram como variantes modernas da melancolia. São elas a histeria e a hipocondria, ambas relativas a transtornos psicossomáticos em que os problemas digestivos vêm a gerar desarranjos emocionais e psíquicos.

Se o quadro traçado por Silvestre é um testemunho distante do seu desencanto com a cidade do Porto, do termo do calculismo através do qual procurava atenuar o frémito das paixões, trocando-o pela segurança das abastadas alianças que entrevia, é a sua resignação que permite a narração. É assim exemplar do embasamento da obra de Camilo “num trauma da juventude que ultrapassou toda a anterior experiência sensual” (Bessa-Luís, 2008, p. 17). Mas é o olhar distanciado de Camilo (Pavanelo, 2008), que deslocado já do derradeiro ataque de Silvestre à “bela sociedade”, serve ao narrador como espaço reflexivo acerca da limitação da razão, mas sobretudo acerca da falta de razões para a razão.

Mas podemos almejar aqui a mais que uma simples retroversão ao discurso médico daquilo que é mobilizado na ação romanesca. E isso

apesar de, a pretexto do artigo de Silvestre, este destaque de assunto médico sugerir um adentramento em matérias estranhas ao romance, a incluir entre as “miudezas, que não deleitam, nem fazem chorar nem rir” (Castelo Branco, 2019, p. 145). Escrito volvido um quarto de século sobre a sua frequência intermitente do curso de Medicina, é legítimo especular que estes tópicos tivessem proveniência nessa formação incipiente do jovem Camilo Castelo Branco. É verosímil que esse adentramento na abordagem da Medicina da época, que certamente incluía a compreensão da condição melancólica, tenha servido de suporte ao retratamento literário da melancolia⁵. Esse mote é dado em momentos-chave desse interlúdio científico, quando nos diz que o padecimento afetivo não encontra adequada doutrina.

Em *Coração, cabeça e estômago*, depois de denunciar um excessivo centramento nas curas do corpo e remeter para uma época futura o reconhecimento do padecimento psíquico, vem Camilo anunciar, bem à maneira dos manuais de saúde do início da época moderna, a cura dos outros, mas desde logo de si próprio. O complemento entre um conhecimento teórico (ou livresco) e a vivência na primeira pessoa, tornara-se R. Burton um dos requisitos para asseverar a autoridade na compreensão e tratamento da condição melancólica, base da invectiva: “*experto crede Roberto*” (Carvalho, 2024). Ora, esta ideia constitui o pano de fundo da incursão de Camilo, que complementa essa irônica pretensão, com a graciosidade de tal cura, reiterando pura filantropia: “Não vão pensar que se tem d’olho uma daquelas medalhas com que a Real Sociedade Humanitária galardoa os que socorrem o próximo em aflição” (Castelo Branco, 2019, p. 154). Nota, contudo, que a sua busca de um bálsamo incide nas “enfermidades espirituais”, mormente da melancolia e hipocondria, não sendo de esperar compensações, pois que “o instituto desta munificentíssima sociedade não premeia os socorros prestados à alma: a caridade destes bons tempos de máxima ilustração verte os seus

⁵ Desse ponto de vista, a observação por parte de um dos revisores deste artigo, ao qual quero manifestar o meu agradecimento, de que quanto ao uso do termo “melancolia”, e suas variantes, “seria válido considerar a possibilidade de nem o próprio Camilo Castelo Branco estar bem certo do que pretende dizer ao usá-lo”, deve ser moderada. Os diversos usos do termo por parte de Camilo parecem decorrer mais de uma enorme amplitude de aplicações de que o mesmo se vem a revestir na modernidade. O que pretendo aqui salientar é que, na sua incursão pela melancolia, Camilo procura uma orientação para temáticas do sentir de si, que estão no limiar entre o orgânico, o psíquico e o social.

bálsamos somente sobre o corpo”. Não obstante, antevê um futuro em que “os obreiros do espírito que se dedicam a melhorar a alma do seu similhante” (p. 154) serão compensados com toda a sorte de prémios.

Contudo, ainda que isso possa passar despercebido, é na imediata sequência que Camilo dá a ler a sua receita para os alívios de tais males. Isso passa precisamente por advogar um uso dos prazeres adequado ao tempo humano. Essa é, diríamos, a sua real oferta fraternal não apenas aos seus contemporâneos, mas também às gerações vindouras, uma denúncia de contrições morais e religiosas que se pagam em vidas que, como na *Canção de mim mesmo* (secção 48) de W. Whitman, se vão amortalhando até se descobrirem perdidas. Além daquelas que brotam da sua própria arte, indissociável do frémito e do entretém, que se materializam em suas *Noites de insomnio, offerecidas a quem não pôde dormir* (1874), ele mesmo apresentado como projeto pessoal de vivificação dos fantasmas do autor, apegada à torturante proximidade entre o que foi e o que poderia ter sido, esse é o remoer característico da ideação melancólica (*e.g.* Flashar 1966, p. 15-17)⁶: “movido pela imaginação nostálgica: visto-me tambem eu das côres prismáticas dos vinte annos, aperto a alma com as garras da saudade até que ella chore abraçada ao que foi” (Castelo Branco, 1874, p. 6). Ao mesmo tempo, esse dosear das observâncias e preocupações insere Camilo numa tradição lusa de valorização do convívio, da diversão e dos prazeres sensíveis, a qual remonta ao modo como D. Duarte confronta o “humor merencórico”⁷, mas também como Filipe Montalto, exponente do contributo judaico para o avanço da medicina, enaltece antídotos similares para a preocupação e tristeza persistentes (Montalto, 2017, p. 179 e ss.).⁸

Em vários textos, Camilo refere a dispepsia, desarranjo associado ao consumo excessivo ou impróprio que, em virtude de fornecer um mecanismo explicativo para os sintomas de autodejeção, se constituiu desde o início da lenta viragem para a conceção iatromecanicista da medicina, como variante hipocondríaca da *melancholia*. É o caso da sátira aos ingleses que dedica ao sorriso de Tomás Ribeiro, então ex-ministro

⁶ Sobre as bases fenomenológicas de tal experiência, cf. Carvalho, 2022, p. 285 e ss.

⁷ Ver o meu: Carvalho, 2024, p. 120-22.

⁸ Quanto à constituição desta tradição da reflexão melancólica no Renascimento português e o modo como a escrita, em particular em Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, se constitui como meio de desvelamento de um eu que se encontra internamente dividido, cf.: Cardoso; Macedo; Molder, 2024.

do reino. Nesse texto, a desregulação digestiva surge como evidente sintoma dos efeitos da acerbidade satírica do seu próprio autor, a “sua implacável mordacidade – o seu perene sarcasmo” (Castelo Branco, 1922, f. 15), dos quais nos dá conta Branca Gonta Colaço em memórias cuja base documental é preenchida com reminiscências extraídas às “nevoas do alvorecer da vida” (1922, f. 18). Mas Camilo não se limita a traçar um quadro diagnóstico. Avança com observações terapêuticas, salientando, em consonância com aquelas que eram já as recomendações de Bernard Mandeville no tratado que dedica às variantes modernas da melancolia, *A Treatise of the Hypochondriack and Hysterick Passions vulgarly call'd the hypo in men and vapours in women... in three dialogues* (1711)⁹, o efeito lenitivo do bacalhau, que “conquistou na moderna therapeutica das gastrodyneas, nas dyspepsias e gastrites chronicas uma reputação tonica, restaurante” (Castelo Branco, 1884, p. 69).

Mas as afinidades com o médico e filósofo naturalizado britânico não se ficam por aqui. Camilo demonstra aliás conhecimento do mesmo, tomando-o como herdeiro moderno da doutrina sensualista de Lucrécio e aquele que definia a “virtude um producto artificial da politica e da vaidade”. A partir do que se afigura uma adaptação livre da *The Fable of the Bees: or, Private Vices, Publick Benefits*, Camilo aponta também a sua (suposta) “definição do homem” (Castelo Branco, 1884, p. 58-59):

O homem é um organismo servido por bons e máos instictos, alguns mais ferozes que os das alimarias, e nenhum tão intelligente como os do castor, das formigas e das abelhas; além d'isso, tem o dom da palavra, se lh'a ensinam, e vai muito além do papagaio em glotica. Ha uma só distincão que extrema o homem de todos os outros animaes...

– A alma – interrompi eu perspicazmente.

– Não. A mentira. O homem é o unico animal que mente.

Definição da vida: É uma alternativa de assimilação e desassimilação, de secreção e excreção. Pensamento é o resultado de combinações chimicas.

– Então, vida organica e vida da consciencia é tudo chimica? E o Amor tambem?

– É, e da mais grosseira e trivial, por ser a unica exercitada na retorta do boticario da aldeia. O amor do homem primitivo e selvagem era uma paixão genesica, typica, servida em todo

⁹ Ver os meus trabalhos sobre Mandeville: Carvalho, 2015; 2025.

o reino animal por órgãos identicos, histiologicamente e physiologicamente semelhantes, e a final de contas uma função exosmosica de um lado e endosmosica do outro, percebe você? O amor do homem actual e culto é a mesma exuberancia bruta do organismo, modificado por alguns sonetos á fêmea; porém, no fundo da Natureza, está o inalteravel cliché.

Mas, para além do materialismo das paixões, de Mandeville Camilo adota também o registo satírico, tomando as presunções da bela sociedade¹⁰, a sociedade patarata, como lhe chama em vários escritos, como seu alvo constante. A possibilidade de uma tal escrita depende de uma posição simultaneamente próxima e distanciada relativamente ao teatro do mundo, numa posição de limiar. São seus antecedentes clássicos aquele que alterna entre posições em termos materiais e sociais, o exemplo clássico é Demócrito que sai dos subúrbios de Abdera para ver as modas e se divertir com a estultícia dos contemporâneos ou aquele que não está perfeitamente integrado mas não abdicou dos valores sociais, que diante da desordem ou corrupção preserva uma pulsão edificante. Robert Burton é um dos grandes exemplos de tal disposição que apesar de desviante pelo seu pendor depressivo, se distingue da fixação pulsional do delírio, da alienação e da criminalidade, percussor da sociologia do século XX (Lepenies, 1969, p. 16 e ss.)¹¹. Seguindo o procedimento de grande parte dos autores modernos que se debruçaram com maior profundidade sobre a melancolia, a abordagem de Camilo está longe de se restringir a uma medicalização da tal condição, tomando-a como conceito fundamental para observar a sua sociedade.

2.

Atendendo ao declínio da juventude e vitalidade narrados, o texto encena uma variação remota do outono da vida, seguindo as associações constantes no esquema *hommo-annus-mundus*, que associam a passagem à meia-idade como indutora de manifestações melancólicas mesmo nos indivíduos cuja constituição inata é vivaz, como a sanguínea ou a colérica. Mas esse topos surge já adaptado a dois vetores modernos que vão atenuar o conjunto de associações poéticas e iconográficas do melancólico. Um

¹⁰ Que em Mandeville surge como “*Beau Monde*” (1999, esp. p. 132-135).

¹¹ Ver o meu recente trabalho Carvalho, 2024, p. 61-85.

é o da reformulação médico-científica da teoria dos humores, o gradual declínio da influência do galenismo e correspondente instituição do paradigma iatromecanicista¹², bem expresso na disseminação da teoria da “chilificação”, que advogava cuidados dietéticos que poupassem o estômago evitando, através da manutenção dos espíritos animais, a sua depleção impeditiva do suporte necessário às atividades vitais, mas também às superiores, como a cognição e a imaginação. O outro vetor é o da autorreflexão do Homem, único ser que se pode saber decaído e se afirma agora capaz de autodeterminação, apesar de, o mais das vezes, capitular sob a inexorável força das origens. É esse mesmo tema, associado à própria génesis anímica das utopias, que sempre procedem dos poderes melancólicos que visam erradicar, que surge na passagem da observação da melancolia própria do olhar da semiologia médica, à observação melancólica, marcado pela autorreflexão como atividade do espírito encarnado, patente tanto na filosofia como na literatura, as quais, em boa medida, partilham a tarefa de dar aos homens um vislumbre do possível através de seus constructos ficcionais.

A abordagem camiliana da melancolia retém aspectos cruciais da aceção moderna e romântica, nomeadamente aqueles que focam a sua declinação física e emocional, mas também o pendor reflexivo (Pigeaud, 1989, p. 11 e ss.). O distanciamento face ao heroísmo melancólico dos românticos, do bardo que canta as suas aproximações aos limites de um mundo desertado de deuses, que encontrávamos de Herder a Friedrich Schiller, dá-se a ler sem justificações. A sonante ausência do heróis dá lugar às histórias de indivíduos consumidos pela dúvida, pelo arrependimento e pelo desgosto, e cujo arrebatamento amoroso, quando não se resigna, rapidamente se acomoda à prosaica inércia do presente e às convenções sociais. Também a variação medieval da melancolia tem aqui sua ressonância, nas referências ao tédio e à sonolência, marcas de água da *acedia* (Carvalho, 2021b). Esse é de facto o protótipo pré-moderno de desencanto com o mundo. Da ação resoluta do amante se

¹² Encontramos ainda a tensão entre a farmacopeia dos humores e a nova farmacologia bem patente em *Eusébio Macário*. “Prossseguiu com intemerata pachorra o elogio dos seus convivas à saúde pública, injuriou a medicina moderna, chamando-lhe *patacoada*, esteve a pique de lagrimejar quando lembrou o cirurgião Manêta, e invocou o testemunho do fidalgo que se curara com o dito chorado Manêta de uma moléstia de pele acompanhada de humores frios.” (Castelo Branco, 1880, p. 94).

passa à infindável reflexão inativa própria do confronto com entraves internos e externos, que se oferecem ao curso da imaginação como única saída para uma subjetividade que se descobre impotente.

Em *Coração, cabeça e estômago*, como outros escritos é ainda aduzida, também em suas subtis variedades, a melancolia amorosa. Ela surge bem expressa nos anseios que pautam o enamoramento de Tomasia, que encontram expressão mais contundente na “letra tão triste e bonita” (Castelo Branco, 2019, p. 176) da sua cantilena.

Apesar de sua antiquíssima proveniência poética, é na filosofia e medicina árabe que se começam a sulcar os seus aspetos diferenciadores. A terminologia adotada por Camilo combina a neurofisiologia nascente com as sobrevivências da fenomenologia do amor centrado no olhar amoroso, tal como constam do *De Amore* de Ficino, onde se captavam também as consequências físicas do impedimento (Carvalho, 2019, p. 325 e ss.). Daí resulta a ideia de “depravação do nervo óptico” (Castelo Branco, 2019, p. 135) como fixação que agita o sentido interno, originando uma combustão excessiva dos espíritos animais necessários à própria digestão, sendo a nutrição que a mesma fornece entendida como essencial para as atividades intelectivas, e sua interrupção ou distúrbio base de ciclo vicioso. Na literatura portuguesa são vastos os reflexos da evolução semântica do amor heróico, remetendo à lírica de Petrarca e à moralística (Carvalho, 2021c, p. 20-26). Em todos está marcada a sua dimensão patológica, mas também a insistência no olhar bem patente nas *Lettres Portugaises* (Carvalho, 2013).

Também na narração do agravamento da alienação de Marta, cujos traços estão próximos da melancolia religiosa tal como diferenciada desde Robert Burton, em *A brasileira de Prazins* (1882), surgem referências a textos médicos, nomeadamente à teoria já muito desacreditada de uma maior susceptibilidade do temperamento melancólico às tentações diabólicas, da qual o padre Osório troça contrapondo-lhe a etiologia genealógica da loucura. Também nesse caso, para além do exorcismo, da flebotomia ou do mais recente sacudimento moral de Pinel (Carvalho, 2021), é recomendada a distração, em particular a viagem a novos ares¹³.

¹³ “O padre Roque era de parecer que se não deixasse Marta entrar muito pela mística; aconselhava o marido que fosse viajar com a mulher, que a tirasse daquela terra, porque as suas enfermidades não podiam curá-las os sermões nem as hóstias. O egresso conhecia a farmácia do varatojano de Borba da montanha, e sabia que a

Contudo, seguindo a inexorável lógica do lucro, o sogro de Marta adia e cerceia tais planos, reduzindo-os a uma ida a banhos, pois tem bons negócios em vista. Planeia também comprar um manual de François-Vincent Raspail, que à época era considerado pela generalidade das autoridades médicas como um vendedor de banha da cobra¹⁴.

Na ancestral e recorrente discussão sobre a origem endógena ou reativa da melancolia¹⁵ está também inscrita uma problemática que ganha enorme preponderância na modernidade. Refiro-me à praga, sob a forma de contágio moral, fruto de fatores mágico-religiosos que persistem na teoria e prática médicas, que – pese embora o gesto inaugural de demarcação da científicidade do método hipocrático em *Da doença sagrada* – podiam ser percebidos nas noções pré-modernas de perturbação mental, sobretudo no âmbito da demonologia. Mas é na modernidade que, paralelamente às ideias de Ficino quanto às influências astrais e demoníacas, se começam a criar condições para conceber um enfermar primeiramente resultante da exposição a ideias daninhas (Carvalho, 2019, p. 336 e ss.). A par dos círculos epistolares onde a ideia ganha tração e se torna pungente, é com a difusão das obras literárias para o grande público que a ideia de infecção moral ganha forma. Se a mesma é a origem de demarcação entre formas admissíveis e censuráveis, para que o leitor tenha conhecimento direto do fenômeno, ele deve aceitar, paradoxalmente, o risco de tal contágio. Essa é a viagem proposta por grande parte das obras mais marcantes da

primeira receita de frei João era exorcismá-la como demoníaca.” (1974, p. 201) Pelo mesmo diapasão o padre Osório: “– Não deixe mortificar muito sua sobrinha com os exorcismos, Sr. Prazins. O demónio que ela tem é a doença. Faça o que lhe disse o padre-mestre Roque, que é um velho ilustrado e virtuoso. Vá dar um giro com ela. Leve-a à capital; demore-se por lá; e, quando a vir distraída, contente e com bom apetite, volte para sua casa” (Castelo Branco, 1974, p. 218).

¹⁴ “Porque em Pernambuco toda a casta de doença se curava pelo Raspail, e que levasse o diabo o frade e mais a caiporice dos exorcismos.” (Castelo Branco, 1974, p. 218)

¹⁵ Não se conclua que a mesma foi pensada com a simplicidade com que aqui a exponho, sendo frequente tanto a problematização destas categorias quanto o detalhar de subtis variantes no modelo médico e científico de causa da melancolia. E outros eixos categoriais podem ser também pensados ainda antes da aurora da psicanálise, que delineiam já a distinção pertinente entre uma visão da condição melancólica como próxima à *Dementia praecox*, isto é, a uma perda basal do horizonte simbólico de inserção na realidade, segundo a qual tratar-se-ia de uma condição psicótica, ou como resultante de um conflito psíquico no cerne da história do sujeito, isto é, uma neurose.

literatura moderna, muitas vezes, como em *Madame Bovary*, servindo de ocasião para expor contradições e assimetrias que o desejo e a tolice se encarregam de pulverizar. Esse conhecimento foi em muitos casos impedido ou dificultado por práticas de censura, mas no geral aguçou o interesse por aquilo que podem ser verdades ou conteúdos que se procura conter não tanto pela contribuição para uma eventual degradação moral, mas mais pela representação de uma realidade consabida e inconveniente.

Ainda seguindo a tradição da *melancholia generosa* inaugurada por Ficino (Carvalho, 2019), o melancólico é aquele em que a imaginação alcança as maiores alturas, mas vem também a demandar a nutrição dos espíritos animais que nela se consomem sem renovação. Contudo, o ambiente propício poderia ajudar a retemperar a mistura dos humores, amparando o retorno abrupto ao estado natural da bílis negra, o frio e o seco que deprimem física e moralmente. “Os indivíduos mais inteligentes e mais imaginativos, quando irritados pelas paixões, ou fatigados pelo trabalho de espírito, são mais sujeitos a estes sucessos incuráveis, quando as influências morais os não curam” (Castelo Branco, 2019, p. 151). Contrastando com esse contacto malsão, num dos textos em que Camilo vai aos estratos mais profundos do sentimento de si, o retorno ritual aos lugares da memória permite uma melancolia que, ao invés de cúmulo da desesperança, se apresenta como disposição revigorante¹⁶. No retorno ao Bom Jesus do Monte, já próximo dos quarenta anos, é nas velhas árvores que o precedem e lhe sobrevivem à escala dos séculos, que encontra Camilo um manancial revificante. Para lhe aceder há que sair do escadório do eminente santuário. Pontuado pelas estações da paixão, cujos esgares de agonia tanto haviam impressionado o órfão de nove anos, o percurso a que agora se propõe está fora do itinerário que rasga a floresta: “a tristeza d’este remanso é generosa, é espertadora de salutares pensamentos, é joeira por onde os nocivos se estremam, é, enfim, tristeza que nos vem esmolada do ceo” (Castelo Branco, 1864, p. 6).

¹⁶ Veja-se a propósito da rememoração da visita ao Bom Jesus, como vínculo imagético a um mundo que não estava ainda tingido pela perda, o acometer de paixões melancólicas vivificantes: “As lembranças, gravadas pelas fugitivas impressões d’aquella idade, são poucas; mas assim mesmo, em todas as épocas ulteriores que alli fui, o tão remoto passado, com as suas quase delidas memorias, vinha entre-luzir-me nas comoções melancolicas do presente” (Castelo Branco, 1864, p. 13).

A esse arvoredo, que é também refúgio dos amantes, Camilo vinha ouvir a melodia que realinha a alma. Alude a David que com o toque da sua harpa lograva despertar Saúl da sua melancolia (*1 Samuel*, 16, 23), lamentando o declínio da arte musical:

Dá Deus estas harpas mysticas aos arvoredos em beneficio dos animos conturbados, que se acolhem fugitivos a ermos onde elles cuidam que o ceo os ha de ouvir. Acalentava a musica o exasperado Saul. Bons tempos! A musica d'agora é irritante. Ha pouco entrei no templo: o sacerdote consagrava a hostia, e o orgão entoava a *Traviata*. Santo Deus! Quem quizer musica de adormecer dores, e levantar a alma á sua origem ha de pedil-a á vibração e á folhagem das florestas (Castelo Branco, 1864, p. 5).

3.

É também a manifestação de uma consciência melancólica que está em jogo com Camilo, que seguiu a veia satírica e o riso de Demócrito como modo de atenuar das tensões que nele sempre se tornam vividas (Oliveira, 2002). E foi em virtude do espartilho que se impôs a um peito que mostrou aberto, que tal consciência melancólica evolui em metamorfose da qual nos deu conta Agustina:

Camilo, como Flaubert, teve desde cedo essa visão duma biblioteca feita para não ser entendida. Achou o mundo vulnerável, a cultura uma fraude, e o intelectual um depravado. E riu-se. Este riso, nascido como um escudo, para invalidar a força do seu desencanto perante a vulgaridade dos homens, esse riso surtiu efeito enquanto a juventude o justificou. Depois tornou-se numa má consciência, e a sociedade não lhe perdoou. Faltou-lhe a concisão de um Swift para fazer verdade um estado de alma e não uma figura retórica. (Bessa-Luís, 2008, p. 72)¹⁷

Ante o perdurar da tacanhez de costumes e uma imobilidade das consciências, o contínuo decantar da sátira torna vazio e ressentido o

¹⁷ “O que se adivinha no desprezo de Camilo, tal como no de Flaubert, pelo apetite das conclusões, que o homem transforma numa estéril mania, é uma espécie de ferocidade; pode dizer-se que uma experiência fatal culmina com essa sátira. Mais ainda: faz da sátira a sua única saída para o mundo” (Bessa-Luís, 2008, p. 72).

espírito que a continha, sujeito ao constante aguilhão do desassossego. Também captando os cruzamentos com a história dos cuidados, Agustina alude ao *Viaticum*, sugerindo mais que uma via lenitiva uma verdadeira revivificação do espírito na partilha, comunicação cumplice entre aqueles que, mesmo integrados, se sabem à margem: “O riso é o seu viático, a sua asa protectora. Só pode sentir afinidade com os que se riem como ele; com os que quebram a solenidade de um acto, e aceitam nisso a blasfémia, com uma sonora gargalhada” (Bessa-Luís, 2008, p. 72-73). Mas nem os anátemas religiosos, nem a nascente higienização sob a razão de estado¹⁸, impedem a leitura e, por conseguinte, o disseminar da infecção das consciências, que tantas vezes é capaz de franquear os altos muros e as portas mais blindadas. E assim foi o monstro retalhando uma cólera, que mesmo quando convertida em tristeza mantém a combatividade face à bela sociedade, bem patente na caracterização de Camilo que nos oferece Agustina, como o sacerdote que, à força de um ímpeto vital, conjura um: “ciclone do alfabeto, uma barafunda de pretextos para arrepiar os cabelos das famílias na sala de baile”.

Não será também casual que em linha com as ideias de uma sociedade ensimesmada em seu privilégio e trejeitos, Camilo remeta à estufa, ao Crystal Palace, cuja versão portuguesa se erigia por esses anos¹⁹. Ele é a epítome da bela sociedade, criando uma atmosfera artificial, seleta, que em seu ambiente climatizado, que do mundo preserva amostras a retalho²⁰, neutraliza qualquer paixão do real, mesmo se tal proteção se revela, uma e outra vez, ilusória. O mesmo se diga das almas que se entregam ao comércio sentimental, mas também ao luxo e ao consumo desenfreado de toda a espécie de associados ao mal-estar hipocondríaco:

No baile ninguém se mata; mas devoramse gelados para apagar o vulcão da ideia suicída, ou abarrotase o estômago de sandwichs para que a alma bruta predomine sobre a outra, ou tresfegase a

¹⁸ Tema justamente de sua *Maria da Fonte*, num sucedâneo nacional das tensões da *Antígona*, revolta que eclode em reação a um decreto incidindo sobre os ritos fúnebres, associados aos deveres femininos de sepultura, e irá contestar as arbitrariedades e desmandos da lei dos homens.

¹⁹ Refiro-me ao Palácio de Cristal do Porto cuja construção se inicia em 1861 e que viria a ser demolido em 1951 para dar lugar ao Pavilhão dos Desportos.

²⁰ Ver a exposição de P. Sloterdijk a partir das observações de Dostoiévski (Sloterdijk, 2008, p. 184 e ss.).

garrafeira do dono da casa para alucinar e entreter o espírito, como coisa exótica, do ar artificial de uma estufa.

Mas estes remédios não passam de paliativos. A reação, depois, é pior. Falecida a vida de empréstimo, o espírito fica letárgico, marasmado. [...]

(Castelo Branco, 2019, p. 152).

Tal como ocorrerá com Dostoiévski, é a partir de uma certa exterioridade que a sua crítica é possível²¹. Remete a um posicionamento de limiar, de um homem marcado por uma vivência do campo que o leva a prescindir do acessório, mas que, já volvido o fulgor que afronta o comodismo burguês, sempre volta ao convívio com famílias de renome e ao contacto com as modas citadinas que olha de viés. Em grande medida, será a sua resistência dérmica a tais realidades que lhe permite tomá-las como temas dominantes do retratamento literário de uma época²², oferecendo uma leitura que apesar de lhe resistir, revela o modernismo como chave de leitura de diferentes sociedades.

É também admirável o facto de o próprio autor patentear, em *O que fazem mulheres* – dito romance filosófico –, a sua escrita no subterrâneo, antecedendo os *Cadernos do subterrâneo* (1864) de Dostoiévski, movimento que lhe permite explorar a injustiça da moralidade tradicional.

Este romance foi escrito n'um subterrâneo, ao bruxolear sinistro de uma lampada. Alfredo de Vigny não diz que escreveu um drama, ás escuras, em vinte dias? E Frederico Soulié não se rodeava de esqueletos e esquifes? E outros não se espertaram com todos os estímulos imagináveis de terror? Menos o do subterrâneo... este é meu, se me dão licença. Pois foi lá que eu desentranhei do seio estes lobregos lamentos (Castelo Branco, 1863, p. 6-7).

É justamente a partir daí que patenteia a função compensatória da arte, entretém para as agruras da vida²³, o qual cedo se revela um

²¹ De notar que esta não é uma antecipação isolada de temas do autor russo (Cardoso, 2019), que tal como Camilo observará com reserva o avanço da civilização europeia e a adaptação de seus procedimentos nas regiões periféricas onde vive.

²² Como notava Coelho (2001, p. 120): “Leitor incansável, Camilo pode dizer-se que conheceu a melhor parte da literatura francesa da primeira metade do século, desde os grandes astros até os autores de segunda ou terceira plana, psicólogos e moralistas (...”).

²³ Cf. Marquard, 2003, p. 64-81. Acerca desta mesma função para as artes visuais ver: Carvalho, 2022b.

engodo para um tipo de observação mais profunda da condição do homem e da mulher. Em *O que fazem mulheres*, cuja primeira edição data de 1858, interpela o leitor reclamando os seus préstimos²⁴, antídotos para uma vida despoetizada. É o deixar cair sobre si a experiência do sofrimento desamparado da mulher, bem patente também em *A enjeitada* (1866), que lhe permite ir além do simples entretenimento, de um exercício de esteticização da miséria humana. Procede a partir de uma “síntese frugal do extraordinário” (Bessa-Luís, 2008, p. 15) que se abstém das sublimações de Dickens e dos exageros de Dostoiévski, relevando as condições injustas, as desigualdades sociais e os duplos padrões à dignidade de realidade que pode ser experienciada pelo leitor, oportunidade de empatia. No movimento do espírito a que convoca antevê pois um desequilíbrio fisiológico, lágrimas que exaurem os líquidos da economia animal do Homem. A posição irónica, que mantém o escritor no limiar da realidade que cria, não é mais sustentável: “é necessário ter passado pela ironia (no sentido ‘romântico’) para nos libertarmos da falsa seriedade e do filistinismo. A ironia terá então de se superar a si própria; terá de substituir o ato existencial de arrependimento pelo ato intelectual de negação, e instalar-se numa forma superior de humor e seriedade” (Starobinski, 1966). Já no primeiro dos *Doze casamentos felizes*, torna Camilo ao compadecimento diante da “feiticeira melancolia de mulher, que nunca homem viu, que se não deixasse fallecer de pura mágoa de a não poder consolar” (Castelo Branco, 1861, p. 15).

O retratamento da melancolia e da sua transmutação reflexiva não se cinge à prosa romanesca, abrangendo também a prosa rimada. Em *Nostalgias* (1888), termo de recente extração (Lowenthal, 2015, p. 31 e ss.), que remete a uma incapacitante saudade da pátria, ou, assim o adota Camilo, de um lugar inscrito no mais íntimo onde pulsa

²⁴ “Os dias actuaes são melancolicos; a humanidade quer rir-se; muita gente, séria e sisuda, se compra um romance, é para dar treguas ás despoetisadas e pécas realidades da vida. Sei-o de mais. Eu tambem compro os livros dos meus amigos, para esparrecer de meditações serumbáticas em que me anda trabalhado o espirito. Sei quantos devo, e que favores impagaveis me deveria, leitor bilioso, se eu lhe encurtasse as horas com paginas galhofeiras, picarescas, salitrosas, travando bem á malagueta, nos beiços de toda a gente, afóra os seus. Tenha paciencia: ha de chorar ainda que lhe custe. Se respeita a sua sensibilidade, fique por aqui; não leia o resto, que está ahi adiante uma, ou duas são ellas, as scenas das que se não levam ao cabo, sem destillar em lagrimas todos os líquidos da economia animal” (Castelo Branco, 1863, p. 6).

constante o sentimento agriadoce da melancolia. Também em consonância com essa tradição da nostalgie, a música emerge como o alívio que se autonomiza como um gozo singular, remetendo aos ritmos próprios do cuidado materno, registo pré-verbal que impele a uma modelação das palavras. Assim o verbaliza: “Que acerbas melancolias/ Eu tenho d’essas semanas/ Que passei nas serranias/ Das regioens transmontanas!” (Castelo Branco, 1888, p. 39). Designa um sentimento profundo, denso de memórias, cujo pendor retrospectivo, também na sua génesis, convoca ao canto rimado, como derradeiro apelo ao cuidar maternal, empreendido “por alta noute da vida” (p. 41). É entoado, na sua inscrição biográfica, num pungente lamento pela perda sinestésica: “SERRA saudosa, eu te lego/ Estas trovas que compuz./ Ver-te? Não mais; estou cego,/ E tu tão cheia de luz! ...” (p. 49) Ao mesmo tempo, parece aqui aproximar-se da semântica do génio, de um sofrimento que revela: “Não se escrevem Nostalgias/ Como as d’este Monumento, sem ter soffrido agonias,/ Que inspiram mais que o talento” (p. 42).

4 Conclusão

Neste artigo exploramos a forma como Camilo Castelo Branco integra perspetivas médicas, filosóficas e literárias sobre a melancolia na sua obra, com especial enfoque em *Coração, cabeça e estômago*. A melancolia, longe de ser tratada apenas como uma condição fisiológica ou patológica, é elevada por Camilo a um tema central que serve de suporte à crítica social e satírica, antecipando temas literários que se tornariam marcantes no dealbar do século XX.

Através da personagem de Silvestre da Silva, Camilo revela um profundo conhecimento das teorias médicas da época, especialmente no que diz respeito à melancolia corpórea e às suas variantes modernas, como a hipocondria e a histeria. No entanto, a sua abordagem não se limita a uma mera medicalização da condição melancólica, mobilizando-a como uma lente crítica para observar e denunciar as contradições e assimetrias da sociedade burguesa do seu tempo. A melancolia, em Camilo, é tanto uma experiência pessoal, enraizada na sua vivência traumática, quanto uma ferramenta literária que lhe permite explorar temas como o desgosto amoroso, a resignação e o comodismo social.

A obra de Camilo também se destaca pela sua capacidade de integrar tradições literárias e filosóficas anteriores, desde a *melancholia*

generosa de Ficino até às reflexões de Robert Burton e Bernard Mandeville. A melancolia não surge apenas como condição de tristeza ou desespero, mas também uma disposição reflexiva e nostálgica – bem indicada naquelas peregrinações pelo Bom Jesus –, que permite ao autor questionar os limites da razão e da moralidade. A sua escrita satírica, muitas vezes marcada por um riso cáustico, serve como um antídoto contra a melancolia, ao mesmo tempo que expõe as fragilidades e hipocrisias da sociedade.

Por fim, a melancolia em Camilo Castelo Branco não se restringe à prosa romanesca, estendendo-se também à poesia e à prosa rimada, onde se manifesta como uma nostalgia profunda e uma saudade agriadoce. A música e a natureza surgem como elementos terapêuticos, capazes de aliviar a dor melancólica e revigorar o espírito.

Em suma, a melancolia em Camilo Castelo Branco é mais do que um tema literário; é uma chave de leitura para compreender a sua crítica social, a sua reflexão filosófica e a sua poética do afeto. Através da melancolia, Camilo não apenas retrata as dores e contradições do seu tempo, mas também nos convida a refletir sobre as nossas próprias vulnerabilidades e as limitações da condição humana.

Referências

- BESSA-LUÍS, A. *Camilo: Génio e figura*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2008.
- CARDOSO, P. S. Em bom pano cai uma nódoa: Crime e castigo em *O que fazem mulheres*. In: BRAGA, J. P.; SOUSA, S. G. (orgs.). *Crime e Castigo em Camilo Castelo Branco*. Vila Nova de Famalicão: Casa de Camilo – Centro de Estudos, 2019. p. 96-124.
- CARDOSO, A.; MACEDO H.; MOLDER, M. F. *Melancolia, tristeza e cura da alma no Renascimento português*. V. N. Famalicão: Húmus, 2024.
- CARVALHO, C. A. S. A construção da vivência da paixão nas *Lettres portugaises*. Aspectos da semântica literária, médica e moral. *Biblos: Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Estética e Política*, n. 11, p. 75-120, 2013.
- CARVALHO, C. A. S. Mandeville and the therapeutics of melancholic passions. In: BALSEMÃO PIRES, E.; BRAGA, J. (eds.) *Bernard de*

Mandeville's Tropology of Paradoxes: Morals, Politics, Economics, and Therapy. Berlin: Springer Verlag, 2015. p. 147-166.

CARVALHO, C. A. S., *On the significance of Galen's concept of Hegemonikon and its role in the therapy of passions.* Saarbrücken: Lambert Academic Publishing, 2016.

CARVALHO, C. A. S. O tratamento da melancolia em Ficino. *Revista Filosófica de Coimbra*, v. 28, n. 56, p. 297-354, 2019.

CARVALHO, C. A. S. Biran et le traitement moral de la subjectivité mélancolique (Edition bilingue). In: UMBELINO, L. A. *Corps ému: Essais de Philosophie Biranienne.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021. p. 95-150.

CARVALHO, C. A. S. Acedia and its care. In: BRAGA, J.; SANTIAGO DE CARVALHO, M. *Philosophy of Care: New Approaches to Vulnerability, Otherness and Therapy.* Zurich: Springer, 2021b. p. 297-323.

CARVALHO, C. A. S. Robert Burton on the Society of Jesus and Coimbra. *Revista Filosófica de Coimbra*, v. 30 n. 59, p. 9-52, 2021c.

CARVALHO, C. A. S. O campo gravitacional da melancolia segundo Tellenbach. In: MEITINHOS, J.; RODRIGUES, V.; GUERREIRO, V. (org.). *A Filosofia em discussão.* Covilhã: Praxis, 2022. v. 1, p. 281-305.

CARVALHO, C. A. S. Visual forms and the therapeutic medium of melancholy. *The Polish Journal of Aesthetics*, n. 66, v. 3, p. 29-47, 2022b.

CARVALHO, C. A. S. *Robert Burton on the melancholic plague:* Social, political and economic bases of therapy. UK: Ethics Press, 2024.

CARVALHO, C. A. S. Human nature and therapeutic forms in B. Mandeville. *Studies in History and Philosophy of Science*, v. 110, p. 76-87, 2025.

CASTELO BRANCO, C. *Onde está a felicidade?*. Lisboa: A. M. Pereira, 1905.

CASTELO BRANCO, C. *O que fazem mulheres, romance philosophico.* Porto: Cruz Coutinho, 1863.

CASTELO BRANCO, C. *Doze casamentos felizes.* Porto: Typographia da Revista, 1861.

- CASTELO BRANCO, C. *Coração, cabeça e estômago*. Lisboa: INCM, 2019.
- CASTELO BRANCO, C. *No Bom Jesus do Monte*. Porto: Viuva Moré, 1864.
- CASTELO BRANCO, C. *Noites de insomnias, offerecidas a quem não pôde dormir*. Porto; Braga: Livraria Internacional, 1874.
- CASTELO BRANCO, C. *Eusébio Macário: História natural e social d'uma família no tempo dos Cabraes*. Porto e Braga: Livraria Internacional, 1880.
- CASTELO BRANCO, C. *A Brasileira de Prazins: cenas do Minho*. Porto: Lello & Irmão, 1974.
- CASTELO BRANCO, C. *O vinho do Porto*: processo de uma bestialidade ingleza, exposição a Thomaz Ribeiro. Porto: Liv. Civilisação de E. da C. Santos Faro & Lino, 1884.
- CASTELO BRANCO, C. *Nostalgias*: Ultima prosa rimada. Porto: Manuel Luiz de Sousa Ferreira, 1888.
- COELHO, J. P. *Introdução ao estudo da novela camiliana*. 3. ed. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2001.
- COELHO, J. P. *Coração, cabeça e estômago: Uma estética da ambiguidade*. In: COELHO, J. P. *A letra e o leitor*. 2. ed. Lisboa: Moraes Editores, 1977. p. 107-118.
- FERREIRA, G. A. *Memórias póstumas de Brás Cubas e Coração, cabeça e estômago – Machado de Assis e Camilo Castelo Branco: leitores e críticos do Romantismo*. 2007. 105 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-graduação em Literatura Comparada, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- FLASHAR, H. *Melancholie und Melancholiker in den medizinischen Theorien der Antike*. Berlin: Walter de Gruyter, 1966.
- FRANCHETTI, P. Apresentação: a novela camiliana. In: CASTELO BRANCO, C. *Coração, cabeça e estômago*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 9-50.

- GONTA COLAÇO, B. Carta á minha irmã. In: *Cartas de Camillo Castello Branco a Thomaz Ribeiro*. Lisboa: Portugália Ed., 1922.
- LEPENIES, W. *Melancholie und Gesellschaft*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1969.
- LOPES, Ó. Claro-escuro camiliano. In: *A busca de sentido: Questões de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1994. p. 5-34.
- LOPES, Ó.; CARLOS, L. A. *Ensaios Camilianos*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2007.
- LOWENTHAL, D. *The past is a foreign country – Revisited*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- MARQUARD, O. *Aesthetica und Anaesthetica: Philosophische Überlegungen*. Faderborn: München Fink, 2003.
- MANDEVILLE, B. *By a society of ladies*. In: GOLDSMITH, M. M. (ed.). *Essays in the Female Tatler*. Bristol: Thoemmes Press, 1999.
- MARTINS, J. C. O. Camilo Castelo Branco e Machado de Assis: humor e afastamento crítico-paródico da herança romântica. In: XAVIER, A. C.; MAZZARA, L. C. (org.). *Camilo Castelo Branco e Machado de Assis em diálogo: para além do romantismo e do realismo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014. p. 38-51.
- MONTALTO, F. *Arquipatologia*. Trad. D. Lucas Dias, I. Ornellas e Castro, J. M. Costa. Lisboa: Edições Colibri, 2017.
- OLIVEIRA, P. M. Riso e melancolia: figurações do amor em um mundo desencantado. In: OLIVEIRA, P. M. *III Seminário de Literaturas de Língua Portuguesa: Portugal e África*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Ed., 2002.
- PAVANELO, L. M. *Entre o coração e o estômago: o olhar distanciado de Camilo Castelo Branco*. 2008. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Literatura Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.
- PIGEAUD, J. *La Maladie de l'âme. Étude sur la relation de l'âme et du corps dans la tradition médico-philosophique antique*. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

PIGEAUD, J. *Melancholia: Le malaise de l'individu*. Paris: Payot & Rivages, 2008.

PIGEAUD, J. The Triumph of Dualism in Ancient Psychopathology. *J Psychol Psychother*, v. 5, n. 3, 2015.

SANTOS, J. C. *Os malefícios da literatura, do amor e da civilização: ensaios sobre Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Fim de Século Edições, 1992.

SLOTERDIJK, P. *Palácio de Cristal: Para Uma Teoria Filosófica da Globalização*. Trad. M. Resende, Lisboa: Relógio D'Água, 2008.

STAROBINSKI, J. Ironie et Mélancolie II, *Critique*, n. 228, p. 438-457, 1966.

STAROBINSKI, J. *L'Encre de la mélancolie*. Paris: Éditions du Seuil, 2012.